



O CARÁTER SIMBÓLICO E SIGNIFICADOS DE UMA NECRÓPOLE INGLESA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

■ OLGA MAÍRA FIGUEIREDO¹

Resumo : No âmbito da organização do espaço, os cemitérios efetivam-se como artefatos de grande relevância, suscetíveis a diversas análises e interpretações. Na realidade, compõem um rico e denso quadro cultural e de experiências, perpassando elementos geográficos, religiosos, históricos e nacionais. Trata-se de significativas marcas impressas pelo homem. Nessas circunstâncias, as necrópoles são expressões da morte cujas decodificações permitem entender a sociedade que as criou. Dito isso, o artigo tem como objetivo explorar/ traduzir o Cemitério dos Ingleses do Rio de Janeiro analisando sua instauração, características, significações e práticas socioespaciais, compreendendo-o como uma marca identitária e simbólica de um grupo no espaço, manifestando e perpetuando a memória de um segmento da sociedade.

Palavras-chave: Cemitério dos Ingleses. Rio de Janeiro. Identidade. Símbolo.

A transladação da Corte América, ocorreram negociações para tratados de Portuguesa para o Brasil, em 1808, provocou uma comércio e assistência entre as duas nações mudança no contexto político, econômico e social europeias. Tais avanços foram obtidos através de da antiga colônia, impactando diretamente o Rio acordos econômicos, políticos e religiosos. Nesse de Janeiro. Como se sabe, a Inglaterra foi a contexto, foi inaugurado, em 5 de janeiro de 1811, responsável por escoltar e proteger a transferência o Cemitério dos Ingleses do Rio de Janeiro – o da Família Real e dos bens da monarquia. Em British Burial Ground - , o primeiro cemitério não-contrapartida, uma vez estabelecida a Corte na católico, restrito, particular e ao ar livre da cidade.

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 30, P.55-64, JUL./DEZ. DE 2011
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

Mais especificamente, esta forma espacial situa-se na encosta a barlavento do Morro da Providência, no bairro da Gamboa (área portuária).

Na realidade, durante esse período histórico não havia grandes cemitérios no Brasil. As pessoas, geralmente, eram sepultadas sob o piso ou nas paredes das igrejas e dos conventos ou em seus entornos. Reis (2004) aponta que, de um modo geral, indivíduos de quaisquer condições sociais podiam ser enterrados nas igrejas. Entretanto, havia uma hierarquia do local e do tipo de sepultamento. Isto é, ser sepultado próximo ao altar significava um privilégio e uma segurança a mais para a alma. Porém, esse local era destinado somente aos nobres e às autoridades políticas e eclesiásticas. Nesses termos, uma cova no adro era tão desprestigiada que podia ser obtida gratuitamente. Esta parte era designada para escravos e pessoas livres muito pobres (REIS, 2004).

Uma vez que os ingleses não podiam ser enterrados em igrejas católicas, pois não professavam tal religião, foi necessária a criação de um cemitério específico que atendesse a essa crescente comunidade. Nessa conjuntura o Cemitério dos Ingleses é criado. Além desse,

foram fundados, ainda, os Cemitérios dos Ingleses em Salvador e no Recife, ambos em 1814.

A necrópole em solo carioca, desde a sua instauração, emana um caráter de exclusividade. Ou seja, em um primeiro momento era dedicada apenas aos súditos ingleses, mas com o passar dos anos foi destinada a protestantes de diversas nacionalidades e, nas décadas de 1960 e 1970, pessoas de diferentes credos e nacionalidades adquiriram direito de serem sepultadas nesse local. Entretanto, mesmo com essa determinação, o campo dos mortos, atualmente, impõe alguns requisitos, referentes a renda e prestígio na sociedade, para a aprovação de indivíduos desejosos de serem enterrados na área. Trata-se de medidas a fim de controlar e manter o *status* social do cemitério.

2. O Culto e a Reverência aos Mortos___

O culto aos mortos tem sido recorrente no âmbito das sociedades simples e complexas, existindo em diversas religiões. Bittar (2008) aponta que se trata de uma das cerimônias religiosas mais antigas realizadas pelos homens, em princípio vinculadas, certas vezes, aos cultos

agrários e de fertilidade nos quais os mortos e as sementes, ao serem enterrados, eram geradores de uma nova vida. Esse mesmo autor revela que tal associação (morte-fertilidade) explicaria a celebração dos finados, em algumas sociedades, com banquetes próximos aos túmulos. Tuan (1983) expõe como o culto aos ancestrais é o fundamento da prática religiosa, sobretudo nas religiões de tipo local, que fixam o povo ao lugar, ao estimular nos fiéis sentimentos em relação ao passado, ancestralidade e continuidade no lugar. Em determinadas áreas e momentos, um filho era obrigado a fazer sacrifícios para a alma dos mortos, de seu pai ou de outros antepassados. Um ancestral se tornava uma entidade protetora em relação aos seus descendentes, e hostil para com os que não o eram. Nessas circunstâncias, não levar guarnições às tumbas era considerado uma blasfêmia (TUAN, 1983). Tal costume ainda pode ser evidenciado em diversos países, como, por exemplo, o México e o Peru.

Segundo Bittar (2008), a comemoração aos falecidos, denominada atualmente de dia dos mortos ou dia de finados, originou-se na antiga Gália, sendo celebrada no primeiro dia do mês de novembro, como a festa dos espíritos. Contudo,

era diferente da manifestação atual. Tempos depois, mais precisamente no século XIII, já na liturgia cristã, esse ritual foi incorporado ao calendário, no qual o dia anual dos mortos passou a ser o dia dois de novembro, sendo o dia anterior referente a Todos os Santos. Há mesmo quem defenda a ideia de que o dia inaugural do mês de novembro é dedicado aos mortos que não foram esquecidos, tais como os santos reverenciados pelos católicos, ao passo que o dia seguinte é destinado aos mortos comuns.

De qualquer maneira, os ritos funerários e atitudes em relação à morte serão distintos em relação aos grupos sociais e territórios, criando-se desigualdades espaciais (PITTE, 2004). Tais variedades de comportamentos, práticas e crenças serão diferentes em cada religião e cultura, desde o procedimento de enterrar ou incinerar os restos mortais até a escolha dos locais para essa realização, passando pelo material utilizado em urnas mortuárias, tipos de orações, condução de velas, flores ou comidas, estabelecendo-se, desse modo, significados que podem se constituir em investigações geográficas em diversas escalas (PITTE, 2004). Ainda em sua análise, Pitte (2004) esclarece que os variados estilos de cemitérios

(cavernas, lagos, florestas, montanhas e as necrópoles modernas) que ocupam pontos da superfície terrestre dependem, essencialmente, da noção de como uma comunidade se relaciona socialmente e com o meio ambiente e, também, do modo como entende a vida, a morte e o sobrenatural.

No Brasil, tendo em vista a celebração do dia de finados, realiza-se, em muitos casos, a limpeza e a conservação dos túmulos de entes queridos. E no dia institucionalizado observa-se um fluxo mais intenso de pessoas nos cemitérios, rezando pelos familiares e amigos falecidos, enfeitando as sepulturas com flores e acendendo velas, mais precisamente, homenageando os mortos através de valorosas práticas simbólicas. Mais do que isso, o referido dia constitui-se em um feriado no calendário nacional.

No caso específico da necrópole inglesa no Rio de Janeiro, a partir da compra de um jazigo, obtém-se um direito de posse eterna desse pedaço de terra. Entretanto, após cem anos de morte, se não houver a reivindicação pelos descendentes do morto, o cemitério pode revender esse sepulcro. No interior do objeto em tela, notam-se práticas particulares concernentes a determinados grupos

sociais e religiosos. Nessas condições, grande parte das lápides estão escritas em inglês, contendo informações sobre a pessoa falecida, quais sejam: nome, sobrenome, locais e datas de nascimento e morte. Em certas sepulturas estão grafadas algumas palavras em homenagem ao morto, profissão exercida em vida (soldado, marinheiro, médico, engenheiro, por exemplo), laços de parentesco (esposa, marido, irmã/irmão, filha/filho) e como incidiu a morte. Trata-se, no conjunto, de um ensejo de perpetuação de uma memória pautada em uma identidade individual. É importante ressaltar que, além da língua inglesa, é possível observar a existência de diversos idiomas, em menor grau, marcados nos túmulos como o português, russo e norueguês, entre outros. As sepulturas estão distribuídas, lado a lado, ao longo dos caminhos e vias, duas no interior da capela, e diversas nos muros da necrópole e outras fixadas diretamente no solo. Sobre essas, ou marcadas nelas, foi possível encontrar símbolos que remetem a determinadas religiões, à maçonaria, à força armada britânica, monumentos tumulares e, em apenas duas ocasiões, fotos da pessoa falecida. Na data de comemoração aos mortos ocorre um culto em inglês ministrado por um Reverendo anglicano

na capela do cemitério em memória dos que foram enterrados neste local.

Diante do exposto, no “campo dos mortos” ingleses ocorrem práticas religiosas que marcam esse espaço cemiterial, mas que também são derivadas do mesmo. Por conseguinte, a necrópole estudada pode ser classificada como um espaço sagrado que, de acordo com Rosendahl (2002, p.30),

“é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”

Através dos símbolos, ritos e mitos. Logo, esse espaço deriva de rituais de construção ou de uma hierofania - manifestação do sagrado em pessoas, objetos ou lugares – (TUAN, 1980; ELIADE, 1996; ROSENDAHL, 2002), seguindo uma lógica inteligível ao grupo religioso que o frequenta. Dessa maneira, cada comunidade religiosa organizará o espaço de forma diferente, constituindo um ponto fixo onde ela reencontra as suas lembranças e o respeito aos seus entes que partiram (ROSENDAHL, 2002). Assim, segundo Rosendahl (2002), o espaço sagrado, através de

sua sacralidade e materializações atribuídas de valores simbólicos, opõe-se ao espaço do cotidiano, do dia-a-dia, caracterizado pela inexistência de elementos que remetem a uma sacralidade. Nessas circunstâncias, o Cemitério dos Ingleses, a partir de sua materialidade, é considerado sagrado na medida em que celebra a morte e arraiga certa reverência e respeitabilidade, permitindo ritualizações, contendo memórias coletivas e produzindo significados (HARTIG e DUNN, 1998; WRIGHT, 2005). Nas próximas linhas será realizada uma discussão conceitual, procurando estabelecer conexões a respeito do caráter simbólico e dos significados da necrópole enfatizada pelo artigo.

3. A Carga Simbólica da Necrópole Inglesa no Rio de Janeiro _____

Os símbolos exercem uma importante função na vida humana (ANJOS, 2009). De acordo com Tuan (1980, p.26), referem-se a “uma parte, que tem o poder de sugerir um todo”. Otávio Costa (2008) sublinha que os símbolos podem ser uma realidade material, atrelando-se a valores, sentimentos e ideais, precedendo a

linguagem e a razão discursiva e estruturando-se através do inconsciente coletivo. Os mesmos afloram a partir de contatos diretos, não necessitando de mediações linguísticas, transmitidos por pessoas ou, em certas ocasiões, cultuados apenas nos sonhos (TUAN, 1983; MELLO, 2008b). Objetos tendem a se tornar um símbolo na medida em que sua própria natureza se manifesta, de maneira clara e profunda, e propaga conhecimento de algo maior que está além (TUAN, 1983). Tuan (1980, p.166) esclarece que um símbolo é

um repositório de significados. Os significados emergem das experiências mais profundas que se acumularam através do tempo. (...) Quando os símbolos dependem de acontecimentos singulares, eles devem variar de um indivíduo para outro e de uma cultura para outra. Quando se originam em experiências comuns da maior parte da humanidade, eles têm um caráter mundial.

Como referenciado por Tuan (1980), o símbolo, é mais do que um simples código, pois transcende os significados, que são orientados pela

cultura, sendo dependente da interpretação de cada ser humano. Hartig e Dunn (1998) consideram que existem variadas compreensões individuais, mas, concomitantemente, ocorrem interpretações e significados compartilhados que induzem a reações comuns, ou resistências organizadas para expressões espaciais culturais. Esses autores, ao utilizarem tal acepção, têm como objetivo desvendar ideologias e instituições que perpassam essas construções e intertextualidades, uma vez que os símbolos projetam significados de quem os arquitetou. Todavia, as leituras são guiadas e reforçadas por ideais dominantes presentes na sociedade. Nessas condições, Mello (2008a) aponta que o Estado e os grupos influentes edificam fixos no espaço para perpetuar, enfatizar sua relevância e um passado de glórias, compondo veículos de ações do poder, permitindo a manutenção do *status quo* e a legitimação do papel dos símbolos. Contudo, tais emblemas oficiais podem ter seus significados recriados ou achincalhados quando apropriados por outros grupos sociais através de suas experiências no contexto espacial (MELLO, 2008a). É válido ressaltar que a produção e a reprodução material da vida são ações coletivas “mediada[s] na

consciência e sustentada[s] através de códigos de comunicação” (COSGROVE, 2007, p.103), sendo esse último uma produção simbólica que compõe uma dimensão do trabalho humano (COSGROVE, 2007). Desse modo, toda atividade é, simultaneamente, simbólica e material. Nessa definição, a cultura é incorporada ao processo produtivo, conectada em dialética com a produção material de bens necessários à reprodução da vida. Portanto, a partir do caráter específico da produção simbólica, espaços e paisagens distintos serão originados (COSGROVE, 2007).

Nessas circunstâncias, o símbolo também pode ser definido, segundo Otávio Costa (2008, p.151), como um componente mediador entre os diferentes registros da experiência e a comunicação humana que possuem uma qualidade espacial, isto é,

“o mundo conhecido e o imaginado que a atividade humana converte em um complexo de significados, manifestos em uma realidade geográfica”.

O símbolo necessita de algum marco concreto (um recorte ou uma característica geográfica) para se realizar (HAESBAERT, 1999). Logo, o espaço surge como um suporte privilegiado do processo de conversão dos elementos concretos, presentes no cotidiano, em símbolos (COSTA, O., 2008). Dessa maneira, Mello (2008a, 2008b) revela que espaços e símbolos adquirem profundo sentido, através de vínculos emocionais tecidos ao longo do tempo, presente em diversas escalas. Nessa abrangência, os símbolos são íntimos, públicos, compartilhados, forjados, investidos de querência e afeto, tornando-se parte do mundo vivido das pessoas, de acordo com o enfoque humanístico da geografia (MELLO, 2008a, 2008b).

Todavia, a simbologia não é restrita aos locais de afetividade e bem-querência, como assinala Mello (2008b, p.167), no qual os

“espaços – vastos estranhos, desconhecidos e ‘distantes’ – bem como os ‘deslugares’ – monótonos e repetitivos – reúnem igualmente símbolos de grandezas variadas”.

Nesse turno, espaços recriminados, repulsivos ou de temor, como os cemitérios, nas

idéias de Mello (2008b), adquirem contornos diversos na medida em que podem constituir-se em símbolos sagrados, de respeito, de devoção ou de compromisso emocional. Observa-se, então, que as necrópoles são cercadas de simbolismo de proximidade/aceitação, de um lado, e rejeição/temor, de outro. Os campos dos mortos são, por um lado, plenos de simbolismos de proximidade/aceitação, na medida em que muitas pessoas continuam cultuando seus antepassados, - vale repetir - o que pode ser demonstrado na condução de flores, na luminosidade da fé e das velas, nas orações, nas inscrições nas placas de mármore e granito contendo nomes e datas de nascimento e falecimento, afixação de crucifixos e santos. Em contraponto, também, podem ser símbolos de rejeição porque muitos segmentos da sociedade temem a morte, forjam fantasmas e entendem os cemitérios como algo a ser evitado.

O cemitério analisado atua como um elemento simbólico no tecido da urbe carioca que articula e representa sentimentos históricos de um determinado setor da comunidade, possui sacralidade e valores morais, revelando emoções individuais e coletivas. Destaca-se uma relação entre símbolo e sentimentos. Serve como símbolo de um passado distante, apoiando-se em identidades e trajetórias pessoais e de grupos, sendo indispensável para as recordações sociais, na qual cada pessoa cria laços de afetividade ou rejeição com essa porção do espaço; interpreta e compreende os significados concernentes a essa necrópole de acordo com tais vínculos tecidos. Portanto, o objeto explorado remete a um espaço de outrora que pode ser desprovido de notoriedade para alguns, mas para determinados indivíduos pode ser altamente significativo, compreendendo uma marca simbólica e identitária no Rio de Janeiro.

NOTAS

1. A Edificação de uma Necrópole Inglesa em Solo Carioca

ANJOS, Melissa. *Pixinguinha, Ary, Cartola e Noel* – simbólicas e artísticas marcas no espaço carioca? Rio de Janeiro: UERJ, 2009. 60f. Monografia (Graduação em Geografia)- Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ESPAÇO E CULTURA, UERJ, RJ, N. 30, P.55-64, JUL./DEZ. DE 2011
<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>

- BITTAR, William Seba Mallmann. Da morte, de velórios e cemitérios ou *VIXIT*. *Revista Vivência*. UFRN/CCHLA, Natal, n. 33, p.197-214, 2008.
- COSGROVE, Denis E. Em direção a uma Geografia Cultural Radical: problemas da teoria. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). *Introdução à Geografia Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- COSTA, Otávio. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. *Espaço e Cultura*. UERJ/NEPEC, Rio de Janeiro, p.149-156, 2008. Edição comemorativa.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- HARTIG, Kate V. e DUNN, Kevin M. Roadside Memorials: interpreting news deathscapes in Newcastle, New South Wales. *Australian Geographical Studies*, v. 36 (1), p.5-20, 1998.
- MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio dos símbolos oficiais e vernaculares. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. *Espaço e Cultura*: Pluralidade Temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008a.
- _____. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos "deslugares". *Espaço e Cultura*. UERJ/NEPEC, Rio de Janeiro, p.167-174, 2008b. Edição comemorativa.
- PITTE, Jean-Robert. A short cultural geography of death and the dead. *GeoJournal*, vol. 60, p.345-351, 2004.
- REIS, João José. *A Morte é uma festa – ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião*: uma abordagem geográfica. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- TUAN, Yi-fu. *Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- _____. *Espaço e lugar – a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- WRIGHT, Elizabethada A. Rhetorical spaces in memorial places: the cemetery as a rhetorical memory place/space. *Rhetoric Society Quarterly*, vol. 35 (4), p.51-81, 2005.

SYMBOLIC MEANING AND CHARACTER OF AN ENGLISH NECROPOLIS CITY OF RIO DE JANEIRO.

Abstract : In the scope of space's organization, the cemeteries are accomplished as devices of great relevance and susceptible to several analyses and interpretations. In fact, they compose a rich and dense cultural picture and experiences, elapsing geographic, religious, historic and national elements. They are significant marks printed by the man. In these circumstances, the necropolises are expressions of the death in which, from their decodes, it is possible to understand the society that created them. Therefore, the article

has as objective to explore/ to translate the English Cemetery of Rio de Janeiro analyzing its establishment, characteristics, significations and socio-spatial practices, understanding it as an identity and symbolic mark of a group in the space, expressing and perpetuating the memory of a segment of society.

Keywords: Cemitério dos Ingleses. Rio de Janeiro. Identity. Symbol.